

Futebol, Imprensa e Representações: as nuances narrativas da mídia nacional sobre os técnicos da seleção brasileira nas Copas do Mundo¹

Filipe Fernandes Ribeiro MOSTARO²

Ronaldo HELAL³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar os principais pontos de partida da pesquisa doutoral que investigará as representações dos treinadores da seleção brasileira de futebol ao longo de todas as Copas do Mundo FIFA. Apresentaremos as justificativas que nos levaram a desenvolver este tema, as principais bases teóricas que serão usadas e a metodologia proposta. Partiremos do pressuposto que através dos enquadramentos, angulações e nomenclaturas usadas pelos jornais se constroem narrativas sobre determinados atores sociais, no nosso caso, os técnicos de futebol.

Palavras-chave: representação, futebol, imprensa, técnicos, copa do mundo

Introdução

“Somos 200 milhões de técnicos”. Esta frase é constantemente usada pelos meios de comunicação às vésperas da Copa do Mundo. Convocação, escalações, esquemas e estilos de jogo permeiam o noticiário colocando a figura do treinador em evidência e creditando a ele o possível sucesso ou fracasso da equipe. Observando tal panorama, decidimos voltar nosso olhar no sentido de pesquisar como tais representações e narrativas sobre os técnicos da seleção brasileira de futebol foram construídas e desenvolvidas pelo jornalismo impresso ao longo de todas as vinte Copas do Mundo disputadas.

Durante a pesquisa de Mestrado, desenvolvida no PPGCOM da UERJ, com orientação do professor Ronaldo Helal, analisamos as narrativas midiáticas sobre o futebol-arte na vitória (Copa de 1970) e na derrota (Copa de 1982), enfatizando a construção de tal

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com bolsa Capes. Mestre em Comunicação pela mesma instituição. Especialista em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pela FACHA-IGEC (2012). Membro do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura”, cadastrado no CNPq, e pesquisador associado ao Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj). Email: filipemostaro@hotmail.com.

³ Professor do Programa de Pós Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; pesquisador do CNPq; coordenador do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” e do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj). Email: rhelal@globocom.com. Endereço Eletrônico: www.comunicacaoesporte.com

estilo de jogo como uma característica tipicamente brasileira e formadora de uma identidade nacional. Também analisamos os momentos em que, segundo os próprios meios de comunicação, a seleção brasileira não apresentou o futebol-arte e saiu derrotada (Copa de 1990) e vitoriosa (Copa de 1994). Dentre os vários discursos observados no *corpus* analisado durante a dissertação, alguns deles nos chamaram a atenção: o papel do técnico na definição do estilo de jogo e a sua representação positiva ou negativa nos jornais ser pautada pela aproximação do “estilo nacional”. Os estereótipos traçados após as competições e a importância dos treinadores no rendimento final da seleção nos fizeram refletir sobre como estes personagens são representados e qual o espaço destinado a eles nos meios de comunicação.

Com isso, o presente artigo tem como foco apresentar os pontos de partida da pesquisa que será realizada durante o doutorado em Comunicação do PPGCom/UERJ, e que vai realizar um panorama crítico das representações dos técnicos da seleção brasileira de futebol durante as Copas do Mundo da FIFA nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Folha de São Paulo*⁴. Uma das motivações para este estudo se baseia na carência de trabalhos em Comunicação que enfoquem as narrativas jornalísticas sobre os técnicos de futebol. Suspeitamos que os significados produzidos pela representação destes profissionais do esporte durante as Copas do Mundo podem influenciar a identificação da equipe. Como exemplo, elencamos algumas alcunhas estereotipadas pelos meios de comunicação para definir algumas seleções: “time do Telê”, “família Scolari” e “seleção do Dunga”. Ao nomear as equipes desta forma, imbrica-se a ela uma representação que se construiu sobre o técnico nos meios de comunicação. Esta representação proporciona vários sentidos que vão ajudar a definir, por exemplo, se a narrativa sobre o treinador possui relações com os elementos que compõem a identidade nacional. O *corpus*⁵ de pesquisa compreenderá a Copa do Mundo de 1930, disputada no Uruguai, onde o técnico da equipe brasileira foi Píndaro de Carvalho, até a análise das narrativas sobre o técnico Luiz Felipe Scolari durante a Copa do Mundo de 2014.

O método para desenvolver as questões propostas nesta pesquisa constitui-se de um estudo das narrativas presentes nesse acervo impresso dos jornais supracitados conjugado a

⁴ Os jornais citados estão disponíveis para acesso on-line. *Jornal do Brasil* e *Folha de São Paulo* no portal da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional <<http://hemerotecadigital.bn.br>> e *O Globo* no seu acervo online: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>

⁵ O período pesquisado compreenderá a data da estreia da seleção até o dia posterior ao último jogo da equipe no torneio.

uma análise de conteúdo sobre as temáticas das matérias, tendo como norte a seguinte questão: como e o que narram estes periódicos quando falam dos treinadores da seleção nacional de futebol durante a Copa do Mundo?

O técnico como importante ator social

Inicialmente, um dos pontos que nos motivaram a trabalhar este tema foi a ausência de um estudo mais aprofundado que investigue as narrativas elaboradas pela imprensa sobre os treinadores de futebol. Notamos um número considerável de estudos sobre determinados atletas, seleção nacional e eventos específicos. Todavia, poucas pesquisas contemplam a representação dos treinadores de futebol de nossa seleção, e quando pretendemos obter um panorama de períodos históricos extensos, como vamos pesquisar, a carência é ainda maior. No grupo de pesquisa Comunicação e Esporte do Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) por exemplo, dos 188 trabalhos apresentados de 2001 a 2014, apenas cinco incluíram o nome do técnico da seleção em seu título, sendo que nenhum destes tinha o enfoque nas representações destes treinadores na imprensa.

Mas por que acreditamos que tal objeto merece ser investigado? Na negociação constante de identidades em um ambiente esportivo-midiático o futebol tem sido objeto de apropriações ideológicas diversas, no sentido de edificar narrativas com determinados enfoques e enquadramentos que acabam por plasmar as imagens públicas daqueles por eles retratados (GOFFMAN, 1985) – inclusive os atores do esporte, no nosso caso, os técnicos de futebol. Consideramos que sejam nesses recursos acionados pelos meios de comunicação que se construam tais representações. (MOSCOVICI, 2012).

Entenderemos nesta pesquisa a construção de uma notícia não como manipulações deliberadas, nem como uma “imitação” do real, mas sim como uma elaboração narrativa com o emprego de aspectos da realidade para produzir um discurso análogo dentro de uma referência sócio-histórica da vida cultural (Cf. SODRÉ, 2009). Desse modo, acreditamos que os jornais impressos são importantes instrumentos nesta construção e significações de representações sociais e identidades através das reportagens.

Partindo desse pressuposto, enfatizamos que os discursos utilizados pela mídia ao abordar o futebol, principalmente durante as Copas do Mundo, exploram uma construção mítica de que somos o “país do futebol”. Segundo Guedes (2009, p. 462), desde a Copa de 1938, a identidade nacional brasileira encontrou seu ritual de congregação máximo: as Copas do Mundo. Concordamos que a “Copa do Mundo é um excelente momento para se

refletir sobre o significado do futebol no Brasil, já que, nesta época, as manifestações deste esporte tornam-se muito mais intensas e dramáticas”. (HELAL, 2001, p.151).

Consideramos que o esporte passou por grandes mudanças a partir dos anos 1970. O brasileiro João Havelange, ao assumir a presidência da FIFA em 1974, resumiu esta transformação administrativa do esporte de forma apropriada: “Vim para vender um produto chamado futebol.” (HAVELANGE Apud GALEANO, 2009, p.142) O investimento de grandes empresas em atletas e clubes propiciou um aumento considerável na preparação para as competições, afinal seriam necessários resultados condizentes às cifras investidas nos mesmos. Neste cenário, a Copa do Mundo surge como um grande palco de disputa entre nações⁶, entendendo o esporte como um meio privilegiado de difusão e reforço de sentimentos nacionalistas, uma vez que permite a identificação fácil, rápida e imediata entre os atletas representantes da nação e seus torcedores. (Hobsbawn, 1990). Mais recentemente, a Copa se tornou um embate claro entre grandes empresas que utilizam os jogadores e o torneio como vitrine para seus produtos. Com estes fatores o evento se tornou de grande importância não só nos aspectos esportivos, mas também econômico, político e cultural, recebendo maior cobertura dos meios de comunicação.

A inegável expansão do futebol como jogo global através da mídia, propiciou um maior número de atores sociais e sua frequência de interação se multiplicou. (GIULIANOTTI, 2010, p.43) Dessa maneira, à medida que os jornais enviam cada vez mais correspondentes para cobrir tal evento, outros atores passam a ter voz, como o caso dos técnicos, sugerindo que sua importância aumentou à medida que o esporte recebeu mais investimentos. Logo, temos a hipótese (1) que o espaço destinado ao treinador da seleção nacional, também cresceu de forma acentuada. Assim, a posição do técnico e, principalmente o da seleção brasileira, passa a ter uma importância na coletividade. Afinal ele administra a representação de uma identidade nacional e organiza a equipe para este “duelo entre nações”.

Segundo Ehrenberg (2010), o valor do esporte hoje o legitimou para que grandes campeões do esporte ganhassem um destaque importante na sociedade, inclusive falando de igual para igual com políticos, homens de negócio e jornalistas, afinal “o esporte se desprende de tudo aquilo que o mantinha numa inferioridade social.” (EHRENBURG,

⁶ Concordamos com a hipótese de Ronaldo Helal, que suspeita que a atração exercida por um torneio como a Copa do Mundo está baseada justamente na crença de que onze jogadores representariam toda uma nação. Dessa forma, estaríamos diante de um “duelo” entre países, onde seus principais emblemas, cores e estereótipos seriam colocados em campo através das camisas e estilos de jogo, como por exemplo, a crença na suposta ginga brasileira e a dita rigidez e frieza europeia.

2010, p.21) Seguindo esta linha de pensamento, o cargo ocupado o coloca como um ator social importante, sendo creditada a ele uma importância maior do que o cargo esportivo pressupunha, ou seja, dá-se uma voz ao treinador para outros temas da sociedade, com espaço considerável na narrativa midiática para expressar suas opiniões, colocando-o, assim, em condições de debate com outros atores políticos⁷.

As narrativas sobre o futebol brasileiro tendem a exaltá-lo como distinto. A expressão mais emblemática é “futebol-arte”. As definições do nosso suposto estilo único de praticar este esporte foram construídas imputando aos nossos jogadores os seguintes elementos: improviso, habilidade, drible e jogo individual (HELAL e MOSTARO, 2014). Sugerimos que este foco no individualismo, não designa importância à figura do treinador, é como se o atleta brasileiro “nascesse pronto”. Jogadores como Garrincha⁸, por exemplo, ajudaram a reforçar esta narrativa e o tricampeonato da seleção em 1970 consolidou esta ideia de futebol-arte (SALVADOR e SOARES, 2009). Assim surgem algumas questões interessantes: se os jogadores jogam na base do improviso, o que o treinador vai “ensaiar”? Se a narrativa do nosso futebol é baseada no jogo individual, qual o papel do treinador, que seria um gestor do futebol em equipe?

Da Matta (2002) destaca que o futebol é um jogo de incertezas e ressalta a contradição do cargo exercido pelo técnico de futebol, “pois de um lado remete ao lado racional e moderno da atividade – a do técnico como sujeito capaz de prever, resolver e conduzir, como um general, à vitória; mas do outro, aponta para uma atividade, o “futebol”, conforme falamos no Brasil – que é pura sorte e “oportunidade”.” (DA MATTA, 2002, p. 61) Após enfatizar uma suposta tendência nacional em personalizar culpados e o antropólogo ainda define que: “No futebol, o bode expiatório é o técnico. É ele e somente ele quem “personaliza”, cristalizando e agenciando na sua pessoa, o time que é, a rigor, uma coletividade.” (DA MATTA, 2002, p.62) É esta representação do treinador que pretendemos investigar.

Concordamos que o futebol influencia e ao mesmo tempo é influenciado pelo contexto social da época. Ao definirmos como objeto de estudo os técnicos de futebol, partiremos de pressupostos de que algumas mudanças táticas importantes como a

⁷ Um caso emblemático acontecido no contexto da ditadura militar, com o AI-5 em vigor, e que nos sugere tal hipótese é a declaração do técnico João Saldanha ao presidente Médici, que supostamente tinha pedido a convocação de atacante Dario para a Copa de 1970. Saldanha respondeu: “Você escala seu ministério que eu escalo a seleção”(FRANCO JUNIOR, 2007, p.142).

⁸ Para um melhor entendimento dessas narrativas, ler: BARTHOLO e SOARES (2011)

promovida pelo técnico Herbert Chapman através do esquema tático conhecido como “WM” do Arsenal da Inglaterra, se baseiam em contextos sociais amplos e adquirem traços identitários com a cultura do país. “Chapman foi o “Ford” do futebol e seu primeiro dirigente moderno. Sob seu ponto de vista, todos os artifícios utilizados pelo industrial para agilizar a produção de bens poderiam ser usados igualmente para agilizar a produção de gols” (DAVIES Apud GIULIANOTTI, 2010, p.170). Características identitárias inglesas foram perpassadas para o treinador. Já em 1929, num contexto do fascismo na Itália, o general Vaccaro, responsável pela organização da Copa do Mundo de 1934, “convocou Vittorio Pozzo para assumir o posto de Comissário Técnico, expressão com evidente sentido militar.” (AGOSTINHO, 2002, p.59). Entendemos que o estilo de jogo desenvolvido por uma seleção, carrega traços da identidade nacional do país que ela representa, mesmo que baseado em “tradições inventadas” (HOBSBAWN, 2012) e que são reforçados pelos meios de comunicação como forma de se tentar estabelecer diferenças frente a outras nações e em momentos onde o reforço de uma identidade nacional se faz presente.

Estabelecemos, assim, que nas narrativas jornalísticas, os técnicos são responsáveis diretos pelo estilo de jogo. Consideramos como hipótese (2) que: por conta da escolha de estilo, o treinador será identificado ou não com características tipicamente nacionais, influenciando sua representação positiva, negativa ou neutra na narrativa midiática.

Partindo do entendimento de que nossa brasilidade no futebol pode ser definida pelo futebol-arte, o espaço temporal demarcado para a proposta de investigação aqui apresentada emerge de maneira decisiva. Afinal, é durante a Copa do Mundo que encontramos nas narrativas um dever quase cívico de exercermos nosso suposto estilo de praticar o futebol. Acreditamos que o evento se torna um momento de reforço da narrativa da identidade nacional, mesmo num contexto pós-moderno, onde as identidades estariam mais fragmentadas. Seu caráter coletivo ajuda a estabelecer novas religações entre os participantes de determinado grupo, realimentando as representações sociais de forma aguda e incorporando um conjunto de ideias, significados e valores socialmente compartilhados. Logo, a seleção brasileira se torna a representante de toda esta coletividade, o que nos remete ao pensamento de Helal ao afirmar que:

[...] depositamos na seleção muito mais do que uma simples vontade de vencer uma partida de futebol: fazemos dela um símbolo dos nossos desejos e temores. Por isso, as construções das vitórias e das derrotas da nossa seleção sejam tão reveladoras de sentimentos mais profundos, que não se esgotam em análises técnicas de partidas de futebol. (HELAL, 2001, P.153)

Desta maneira, tais narrativas constroem personagens com atributos que acreditamos ser “tipicamente nacionais”, produzindo discursos identitários. Este processo de estabelecer qualidades a determinados atores do esporte ajuda a identificação do público com os atletas e, no nosso caso, com os técnicos. A mídia vai atuar como legitimadora de tal processo e ao moldar a visão dos outros vai estabelecer a identidade dos treinadores da seleção brasileira. (HALL, 2010) Para Gebauer e Wulf (2004) “os jogos são a mimese da práxis social e criam novas relações sociais” (p.158), desse modo, o treinador de futebol assume características que acabam ecoando na sociedade como modelo de sucesso dentro do contexto da pós-modernidade, de maneira que: “a prática esportiva e a linguagem do esporte penetraram a tal ponto em todos os poros da sociedade que está em via de se tornar uma passagem obrigatória para os valores da ação. Entramos numa nova era do esporte.” (EHRENBERG, 2010, p.10)

Este contexto nos leva a outro questionamento (3): que tipo de construções podemos observar nas representações dos treinadores? Quais seriam as definições desenvolvidas nas representações dos técnicos pelos meios de comunicação: líder, integrante do time, amador, disciplinador, professor, motivador, paizão, estrategista, salvador, vilão? Estas atribuições mudaram ao longo do tempo, seguindo um contexto histórico do que a sociedade esperava de seus líderes? Estas indagações nos sugerem (4) que as identidades construídas sobre os treinadores foram negociadas e readaptadas de acordo com as mudanças ocorridas no cenário político-econômico.

Quadro Teórico de Referência

A base teórica de nossa pesquisa partirá de três pilares fundamentais: a importância do esporte na construção de identidades e representações sociais na sociedade, a importância do técnico no esporte e a forma com que as narrativas jornalísticas compõem as representações de determinados atores sociais, principalmente durante a Copa do Mundo.

No primeiro ponto, voltamos nosso olhar primeiramente para o papel do futebol como aspecto cultural importante não só no Brasil, mas também no mundo. O sociólogo Richard Giulianotti define que “o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais de muitos e muitos povos” (GIULIANOTTI, 2010, p.8). Entendemos o futebol como uma instituição cultural determinante na consolidação da identidade que nos fornece uma espécie de mapa cultural, uma representação metafórica,

que melhora nossa compreensão daquela sociedade. (BATESON Apud GIULIANOTTI, 2010)

No Brasil não foi diferente, conforme nos mostram os estudos pioneiros de Da Matta (1979) ao entender o futebol como importante elemento do que vem a ser uma identidade nacional. Na mesma linha de pensamento encontramos os trabalhos de Guedes e Helal, que destacaram vínculo do futebol com o *ethos* nacional. Os autores citados acima serão nossa base teórica para compreendermos a importância do futebol na sociedade brasileira. Na construção de identidades, seguiremos as argumentações de Stuart Hall e nas teorias sobre representações sociais o pensamento de Serge Moscovici e Erving Goffman.

Acreditamos que a denominação “futebol-arte” está intimamente ligada a formação da identidade nacional nos anos 1930, onde o traço mestiço do brasileiro ganhou força na narrativa do que viria a ser nossa brasilidade. O futebol se tornou uma cristalização daquele pensamento, principalmente após a Copa do Mundo de 1938, quando, segundo o sociólogo Gilbert Freyre⁹(1938), enviamos para a competição um time francamente nacional, com a presença de negros, índios e brancos. A ideia de democracia racial encontrou no futebol um exemplo de fácil assimilação e compreensão, principalmente pelo potencial mobilizador que o esporte exercia na sociedade (SARMENTO, 2013).

“Foot-ball mulato” atribui características dionisíacas ao estilo de jogo brasileiro que estariam diretamente relacionadas aos elementos culturais de um povo miscigenado. Criatividade, espontaneidade, malemolência seriam atributos do futebol brasileiro, oriundos da mistura das raças que formariam a Nação. (SOARES, BARTHOLO e SALVADOR, 2007, p.5)

A base teórica nas postulações da importância do treinador em uma equipe de futebol foi buscada nos estudos desenvolvidos por Becker Júnior, Costa e Samulski, que indicam, de maneira pontual para nossa pesquisa, os impactos que a profissão teve nos últimos anos. Para Becker Júnior (2002), por exemplo, “a profissão de treinador esportivo, ao início do terceiro milênio, alcançou níveis de valorização sem precedentes na história do esporte, de forma que os treinadores de alto nível de rendimento têm que saber lidar com as pressões políticas, esportivas e da mídia”. Já para Costa e Samulski (2006, p.2), “o treinador, como responsável pelo grupo, serve de ponto de referência e modelo de identificação de conduta, permitindo a personalização dos atletas, da mesma forma que os une e os guia na direção de objetivos que são comuns à equipe”.

⁹ Este pensamento de Freyre está explícito no artigo *Football Mulato* publicado no dia 17 de junho de 1938 no jornal *Diários Associados* de Pernambuco.

Na ligação intensa entre torcedores e seu clube de futebol ou seleção, o técnico se torna uma figura pressionada pela necessidade de êxitos constantes, sendo alvo frequente das explosões de descontentamento dos torcedores, afinal, como salienta Franco Júnior (2007, p.306), “é mais fácil substituir o técnico do que todos os jogadores.”

Se a pressão é intensa nos clubes, imaginem na seleção nacional com toda sua obrigação de sempre demonstrar ser a melhor do mundo, como já elucidamos anteriormente. Se a competição for a Copa do Mundo esta obrigação parece se transformar em obsessão pela imprensa. Mais do que um torneio de futebol, Wisnik exalta a Copa como reveladora do papel preponderante do esporte no Brasil, entendendo-a “como instância capaz de catalisar a experiência coletiva e dar-lhe um foco.” (WISNIK, 2006, p.221) Também nos baseamos nas pesquisas de Helal e Guedes (já citados anteriormente), que destacam a importância do evento na sociedade.

Já no terceiro pilar, partiremos da ideia de que são através de enquadramentos, escolhas, angulações e do discurso comunicacional é possível tornar uma ideia comum à sociedade e regular o sentido social de determinadas representações. Nenhuma narrativa é ingênua, ela cumpre determinado propósito, construindo e distribuindo funções para cada personagem de maneira individualizada. Para sustentar tais hipóteses, nos basearemos teorias de Muniz Sodré no entendimento de um fato jornalístico e em Patrick Charaudeau para interpretar a construção de uma narrativa midiática.

Procedimentos de Coleta e Análise de Dados

Na busca por uma proposta metodológica para testar nossas hipóteses optamos por conjugar dois elementos: a análise de conteúdo e análise das narrativas.

O primeiro elemento será utilizado por entendermos que este método é o mais apropriado quando se pretende investigar grandes espaços temporais (BAUER, 2011). Além disso, entendemos a Análise de Conteúdo (A.C.) como um mapeamento das intenções e ações das narrativas jornalísticas em determinado contexto. Através dela conseguiremos destacar quais associações qualitativas foram feitas sobre os técnicos da seleção, além da quantidade de reportagens, seguindo a tendência da A.C. atual de ser menos quantitativa e mais qualitativa (HERCOVITZ, 2007). Concordamos com Fonseca Júnior (2008, p.287), ao afirmar que apesar da herança positivista presente na A.C., “não é possível ignorar que um determinado discurso ocorre em função de um contexto e que algumas condições do contexto influenciam na construção do discurso.”

Assim, procederemos da seguinte forma nossa coleta de dados: inicialmente será feita uma busca por todas as notícias que abordam o tema Copa do Mundo no *corpus* indicado. Posteriormente, dentro do universo das notícias sobre o torneio, elencaremos quais falam sobre o técnico da seleção, processo no qual poderemos identificar um possível aumento do espaço destinado ao treinador na cobertura midiática. Além disso, distribuiremos as notícias entre positivas, neutras e negativas, atentando para os resultados da equipe. Desse modo, também conseguiremos observar um direcionamento das narrativas sobre os treinadores baseada no sucesso ou insucesso da equipe. Por fim, distribuiremos as notícias sobre os treinadores nas seguintes categorias: amador, disciplinador, professor, motivador (paizão), estrategista, adepto do jogo feio e adepto do jogo bonito¹⁰, bem como em outras categorias que poderão surgir durante a análise do material.

Feita esta distribuição entre as categorias descritas acima, partiremos para o segundo elemento proposto na metodologia: a análise de narrativas. Esta metodologia se coaduna de forma apropriada com as questões que pretendemos solucionar neste trabalho. Conforme Motta (2007) aponta, através das análises de narrativas podemos estabelecer sequências de continuidade integrando passado, presente e futuro e construir uma certa “organização” das narrativas, transformando-as em uma única história. Como indica Gilberto Velho (1994, p.103), a memória é fragmentada, ou seja, “o sentido da identidade depende em grande parte da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados.” No nosso caso, este recurso será fundamental, já que, o recorte-temporal proposto é durante as Copas do Mundo, que acontecem de quatro em quatro anos. Dessa forma ao unir tais narrativas, estabeleceremos um maior entendimento de sua continuidade e possibilitaremos percepções de possíveis descontinuidades. A narratologia, segundo Motta, é um campo e um método de análise das práticas culturais, e “dedica-se ao estudo das relações humanas que produzem sentido através de expressões narrativas” (Motta, 2009, p.144), inclusive através da mídia. Motta também ressalta que nenhuma narrativa é ingênua, ela cumpre um determinado propósito, com ações estratégicas na constituição de significações em contextos, no nosso caso o de manter uma identidade e construir representações. A narrativa para Ricoeur (2010) é uma interação entre o mundo do texto do leitor e do autor, ela age e ao mesmo tempo sofre influência. Os aspectos do contexto onde o leitor lerá o texto e a sua interação com os elementos simbólicos que o circundam influenciará decisivamente a recepção do texto. Acreditamos que a significação de

¹⁰ É importante destacar que uma reportagem pode ser enquadrada em mais de uma categoria.

determinadas expressões utilizadas na narrativa jornalística compõem o imaginário, o repertório do leitor e articulam-se com a cultura na qual o texto é produzido, inserindo-se no senso comum daquelas representações sociais cultivadas e significadas pela sociedade. As ações de determinados atores sociais são contadas através do que Ricoeur (2010) chama de intriga. A intriga seria uma imitação da ação e esta ação é composta por mediações simbólicas (cultura, imaginário) precisamente temporais (contexto) dando a capacidade e a necessidade da ação ser narrada e de provocar uma inteligibilidade ao leitor. Acreditamos que a maneira com que se conta uma história reflete diretamente no seu sentido. Além disso, sugerimos que a narrativa desenvolvida pelo jornalismo esportivo se aproxima da narrativa literária, principalmente ao nutrir a ideia de vilões e heróis, por exemplo. A partir da investigação destas expressões usadas nas reportagens acreditamos que seja possível perceber o caminho das representações de determinados atores sociais.

Destarte, através de fragmentos que são vinculados sobre as figuras públicas nos jornais, os receptores conhecem e se identificam com eles. Assim, nos interessará como a narrativa jornalística construiu a imagem do treinador, observando sua representação como figura do discurso jornalístico (quais as principais alcunhas?), e como o narrador (mídia) imprime no texto marcas com as quais pretende construir a personagem na mente dos leitores (sua representação se aproxima das qualidades tipicamente nacionais?). (MOTTA, 2009, p.152)

Desse modo, recorreremos à Análise das Narrativas nos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil* nas Copas de 1930 até 2002 e *O Globo* e *Folha de São Paulo* nas Copas de 2006 a 2014. Investigaremos somente a parte destinada aos esportes em cada veículo¹¹ e a capa do jornal, para também mapear quando o assunto foi entendido como o principal da publicação. Os periódicos foram escolhidos pela sua relevância e circulação nacional durante a realização das Copas que serão pesquisadas. Optamos pela análise de mais de um diário por compreender que apesar da chamada “objetividade” e busca pela “verdade”, é possível identificar distinções em narrativas de acordo com o a linha editorial do jornal pesquisado. Confiamos que após esses procedimentos e análises, conseguiremos traçar um panorama de como foram as representações dos técnicos da seleção brasileira nos discursos midiáticos.

¹¹ Ressaltamos que nas primeiras Copas do Mundo mesmo não destinando um caderno específico para o assunto “esporte”, os jornais pesquisados destinaram ao menos uma página dedicada a cobertura esportiva.

Considerações Preliminares

Nosso objeto de pesquisa se inclui nos estudos que pretendem entender a relação entre mídia e esporte. De maneira mais concentrada, buscamos analisar as relações entre representações e identidade nacional dentro do espaço-temporal das Copas do Mundo. Durante a pesquisa doutoral, voltaremos nossa investigação de maneira mais específica para os treinadores da seleção brasileira no período acima citado.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é: estudar a forma como são narrados e representados na mídia os técnicos da seleção brasileira de futebol durante as Copas do Mundo, atentando para os possíveis sentidos e significados destas representações. Mais especificamente teremos os seguintes objetivos: a) contabilizar o número de notícias que falam sobre os técnicos da seleção brasileira nos jornais compreendidos no *corpus* e identificar se houve uma evolução do espaço destinado ao técnico nos jornais pesquisados. b) identificar se, após o resultado da seleção na competição, a mídia muda ou mantém suas representações e narrativas sobre o treinador. Dentro desta mesma ótica, a maneira com que a narrativa da imprensa definiu o estilo de jogo da equipe como tipicamente nacional ou não, influenciou nas notícias positivas, neutras e negativas sobre o treinador? c) identificar e categorizar quais as alcunhas definidas para representar os técnicos de futebol e verificar se tais nomenclaturas podem ser relacionadas aos elementos que compõem a identidade nacional. d) identificar quais aspectos de um contexto político, social, econômico e cultural possam ter influenciado as representações dos treinadores. Quais qualidades são exigidas pela narrativa sobre seus líderes? Elas se assemelham aos aspectos da nossa identidade nacional? Ou à medida que o mundo se tornou globalizado, a identidade sobre os técnicos se fragmentou e características que nunca apareceram como tipicamente nacionais foram exigidas pelas narrativas?

Portanto, tendo em vista os aspectos esportivos, culturais, sociais e suas reverberações na sociedade através dos meios de comunicação, pretendemos preencher a lacuna existente na investigação do papel dos principais personagens dessa narrativa: seleção, jogadores e técnicos, acreditando no papel importante do “comandante” neste processo. Ademais, confiamos que ao acompanharmos a evolução histórica do espaço no jornalismo esportivo destinado a um determinado personagem na narrativa sobre a seleção brasileira podemos contribuir para o entendimento do papel dos meios de comunicação na construção e importância dos técnicos de futebol.

Referências

AGOSTINHO, Gilberto. **Vencer ou morrer: Futebol, geopolítica e Identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

BARTHOLO, Thiago e SOARES, Antônio Jorge. Mané Garrincha como síntese da identidade do futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

BECKER JUNIOR, Benno. (Org.). **Psicologia aplicada ao treinador esportivo**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2002.

BAUER, Martim W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, W. Martim; GASKELL, George (orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Trad. Angela S. M. Corrêa. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA, Israel Teoldo.; SAMULSKI, Dietmar Martim. **O perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Brasileiro Série A/2005**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.20, n.3, p.175-84, 2006.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Planejando na incerteza**. CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. In: **Técnicos: deuses e diabos da terra do futebol**. São Paulo: SESC, 2002.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida: Idéias e Letras, 2010.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FRANCO, Hilário Jr. **A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Foot-ball mulato**. Diário de Pernambuco, Recife, 17 jun. 1938, p.4.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 3 ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GEBAUER, Gunter; WULF, Cristoph. **Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas**. São Paulo: Annablume, 2004.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) **História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2011.

HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Claudia e BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. **Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e terra, v. 30, 1990.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOSTARO, Filipe; HELAL, Ronaldo. Futebol-arte e Mestiçagem: Identidades e Representações do “Estilo Nacional”. In: Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Foz do Iguaçu-PR: Intercom, 2014.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Claudia e BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SALVADOR, Marco Antônio Santoro e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 1970** - esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores Associados, 2009.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da nação canarinho**: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SOARES, Antonio Jorge G.; BARTHOLO, Tiago L.; SALVADOR, Marco S.. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. In: **Rev. Port. Cien. Desp.**, Porto, v. 7, n. 3, dez. 2007.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WISNIK, José Miguel. O futebol como veneno e remédio. In: SCHÜLER, Fernando; GUNTER, Axt (Orgs.). **Brasil contemporâneo**. Crônicas de um país incógnito. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2006, pp. 221-244.